

RESENHA CRÍTICA DO CAPÍTULO “A CRISE NA EDUCAÇÃO”, DO LIVRO ENTRE O PASSADO E O FUTURO, DE HANNAH ARENDT

CRITICAL REVIEW OF THE CHAPTER “THE CRISIS IN EDUCATION”, FROM THE BOOK BETWEEN THE PAST AND THE FUTURE, BY HANNAH ARENDT

Eliana Sanches Rallo¹

Jacqueline Borges de Paula²

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Resumo

O capítulo “A Crise na Educação”, de Hannah Arendt, apresenta uma análise crítica da perda de autoridade, bem como a ruptura com a tradição e o enfraquecimento do papel do educador na formação ética das novas gerações. Neste trabalho, optou-se por uma leitura que articula essas ideias ao campo da Educação Matemática Financeira, compreendida como prática formativa crítica e socialmente comprometida. Essa relação, não explícita no texto original de Arendt, resulta de uma interpretação autoral proposta nesta resenha, que explicita uma construção teórica orientada por um olhar posicionado sobre a Educação Matemática Financeira. A escolha por esse enfoque se deu em razão da relevância que a autora confere ao educador como mediador ético e à escola como espaço de responsabilidade geracional. Além disso, a abordagem metodológica adotada foi analítico-interpretativa, com base na leitura aprofundada da obra. Como resultado, evidencia-se que o pensamento de Arendt contribui para fundamentar a necessidade de currículos mais integrados, práticas pedagógicas eticamente orientadas e uma formação docente que valorize a autoridade sem autoritarismo. Por fim, ao refletir sobre os sentidos da educação no século XXI, a autora nos convida a repensar o compromisso com a infância, com a cultura e com o mundo que será legado às futuras gerações.

Palavras-Chave: Educação; Autoridade; Formação docente; Crise educacional.

Abstract

The chapter “The Crisis in Education”, by Hannah Arendt, offers a sharp critique of the loss of authority, the rupture with tradition, and the weakening of the educator’s role in the ethical formation of new generations. This paper proposes an interpretative analysis that connects these reflections to the field of Financial Mathematics Education, understood here as a critical and socially engaged educational practice. This connection is not explicit in Arendt’s original text, but is developed throughout this review, from a positioned authorial perspective. The choice of this approach stems from the relevance Arendt assigns to the educator as an ethical mediator and to the school as a space of intergenerational responsibility. The methodological approach adopted was analytical and interpretative, based on an in-depth reading of the work. As a result, the study highlights that Arendt’s thought contributes to supporting the need for more integrated curricula, ethically oriented pedagogical practices, and teacher training that values authority

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGE), Instituto de Educação (IE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6069-9377>; e-mail: elianasanches30@hotmail.com

²Doutora em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do Programa de Pós- graduação em Ensino de Ciências da natureza e Matemática (PPGE) -Instituto de Educação (IE) – Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3927-9574>; e-mail jbcala@yahoo.com.br



without authoritarianism. In reflecting on the meaning of education in the 21st century, the author encourages a renewed commitment to childhood, to culture, and to the world we are shaping for future generations.

Keywords: Education; Authority; Teacher training; Educational crisis.

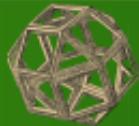
Introdução

O capítulo “A Crise na Educação”, de Hannah Arendt, que compõe a obra *Entre o Passado e o Futuro*, apresenta uma análise profunda das transformações que marcaram o campo educacional no século XX. Nesta resenha, a interpretação proposta busca relacionar esses elementos à Educação Matemática Financeira. Destaca-se que essa conexão não está presente no texto original de Arendt, trata-se de um olhar posicionado adotado pelas autoras. Arendt parte da constatação de que a educação não está isolada, mas inserida em um contexto mais amplo de instabilidade cultural, política e moral.

Em sua perspectiva, a crise educacional reflete o enfraquecimento de fundamentos como autoridade, a tradição e o papel do adulto como mediador entre o mundo e a nova geração, elementos essenciais à formação de sujeitos éticos e autônomos. A pesquisadora aponta que, ao negligenciar esses pilares, a escola se distancia de sua função de preparar os jovens para a vida em sociedade e para a responsabilidade compartilhada de manter o mundo habitável.

Além disso, Arendt comprehende a educação como o espaço onde se decide se o mundo será renovado ou abandonado. Para ela, introduzir as crianças no mundo é mais do que transmitir conhecimento; é assumir responsabilidade por esse mundo e pelas novas gerações. A autora argumenta que o papel do educador exige autoridade moral e compromisso com a transmissão do patrimônio cultural, sem os quais o processo educativo se fragmenta. Essa autoridade, no entanto, não deve ser confundida com autoritarismo, mas entendida como um alicerce necessário à construção de vínculos pedagógicos, ao estabelecimento de limites e à orientação ética do processo de aprendizagem.

Um dos pontos centrais do capítulo é a crítica às reformas pedagógicas que, ao tentarem democratizar o ambiente escolar, terminam por diluir a distinção entre professor e aluno. Homogeneização esta que compromete a função formadora do educador e fragiliza as condições necessárias para que o aluno avance com autonomia e responsabilidade.



Salienta-se, ainda, que Arendt não defende um retorno de práticas conservadoras.

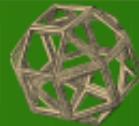
Pelo contrário, ela propõe o reconhecimento de que a autoridade pedagógica é imprescindível para que a liberdade e o pensamento crítico se desenvolvam em bases sólidas. Nessa perspectiva, quando a figura do professor perde seu lugar como referência ética e intelectual, o próprio sentido da educação entra em colapso.

Hannah Arendt também chama atenção para a perda da tradição, elemento que deveria sustentar o currículo e orientar as práticas educativas. Nesse sentido, a ausência de referências estáveis gera incerteza tanto para professores quanto para estudantes, além de comprometer a continuidade do processo formativo. Sem tradição, o ato de educar perde seu sentido de mediação entre o passado e o futuro.

Além disso, para a estudiosa, a verdadeira liberdade não se dá na ausência de limites, mas na capacidade de agir conscientemente dentro de um contexto ético e socialmente compartilhado. Esse princípio é central para a construção de uma sociedade democrática, em que as novas gerações possam exercer sua liberdade com responsabilidade. Nesse contexto, as reflexões de Arendt ganham ainda mais atualidade diante dos desafios enfrentados pela escola contemporânea, a qual se encontra marcada pela fragmentação curricular, pela instabilidade das políticas públicas e pela desvalorização da figura docente.

A crise de autoridade mencionada por Arendt se expressa hoje na dificuldade dos professores em manter a disciplina, estabelecer vínculos formativos e exercer plenamente seu papel de mediadores culturais. O enfraquecimento da autoridade docente tem como consequência direta o aumento da indisciplina, o desinteresse dos alunos e o esvaziamento do conteúdo escolar. Tais fenômenos afetam não apenas o rendimento acadêmico, mas também a saúde mental dos profissionais da educação.

A esse respeito, autores como Nóvoa (1995) e Esteban (2011) também alertam para a importância de resgatar o lugar do professor como sujeito central da formação. Ambos destacam que a autonomia docente depende de uma formação crítica e contínua, capaz de fortalecer a identidade profissional e de sustentar práticas coerentes com os objetivos da educação contemporânea. Nesse âmbito, é urgente que a formação inicial e continuada promova o aprofundamento teórico, a reflexão ética e a valorização da docência como prática social. A ausência de políticas públicas consistentes nesse campo intensifica a



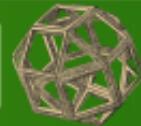
crise educacional e fragiliza ainda mais o lugar do professor frente aos desafios da sala de aula.

No caso da Educação Matemática Financeira, esses aspectos tornam-se ainda mais delicados. Como aponta Menecucci (2017), o ensino de conteúdos financeiros exige domínio técnico, consciência ética, senso de responsabilidade social e capacidade de contextualizar o saber no cotidiano dos estudantes. Trata-se de uma prática que demanda do educador sensibilidade pedagógica para lidar com desigualdades sociais, consumo, endividamento e formação de valores. Essa articulação entre os pressupostos de Arendt e a Educação Matemática Financeira é construída, nesta resenha, como uma forma de ampliar o debate sobre a responsabilidade docente diante de temas sociais complexos. Nesse contexto, a leitura de Arendt fornece elementos importantes para repensar essa prática sob a perspectiva da autoridade ética e da responsabilidade geracional, o que confere à Educação Matemática Financeira um papel formativo mais profundo do que a simples transmissão de informações sobre juros ou orçamento.

Ademais, a ausência de um currículo coerente, apontada por Arendt como um dos sintomas da crise educacional, é especialmente perceptível no ensino de Educação Matemática Financeira. Frequentemente, esse ensino é reduzido a projetos pontuais ou a conteúdos isolados, sem articulação com os demais componentes curriculares. Fragmentação esta que compromete a formação crítica e impede que os alunos compreendam o papel do dinheiro em suas vidas de forma integrada. Desse modo, a proposta da autora de restaurar o sentido da tradição na educação pode contribuir para a elaboração de currículos mais estruturados, os quais articulem saberes históricos, culturais e éticos com os conteúdos financeiros e matemáticos.

A contribuição de Arendt também se destaca ao reafirmar o valor da infância como etapa de preparação para o mundo adulto. Em tempos de hiperexposição a informações e estímulos, é essencial que a escola se configure como espaço de proteção simbólica, onde o aluno possa amadurecer com tempo, cuidado e orientação. Concepção esta que dialoga com a proposta da Educação Matemática Financeira crítica, que não busca preparar crianças para o mercado, mas para a vida. A escola, nesse âmbito, deve ensinar a pensar financeiramente com autonomia, responsabilidade e solidariedade.

Outrossim, a leitura do capítulo “A Crise na Educação” permite compreender que os dilemas enfrentados hoje pelos educadores, como indisciplina, descontinuidade



curricular e banalização da autoridade, não são apenas problemas de gestão escolar. Tais desafios explicitam um esvaziamento mais profundo dos fundamentos da educação. Destarte, Arendt nos convida a pensar a escola não como mera transmissora de conteúdos, mas como espaço de responsabilidade compartilhada pelo presente e pelo futuro. Seu pensamento exige que a educação seja compreendida como um ato político, no melhor sentido do termo: um compromisso ético com a permanência e a renovação do mundo.

Sua afirmação de que “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumirmos a responsabilidade por ele” (Arendt, 2005, p. 212) sintetiza a urgência de repensar as práticas pedagógicas sob a perspectiva do compromisso ético com a formação humana. No campo da Educação Matemática Financeira, isso implica formar sujeitos críticos, capazes de tomar decisões conscientes em contextos cada vez mais complexos.

Logo, esta resenha reforça a relevância da obra de Arendt para o debate sobre o papel do professor, a estrutura da escola e os sentidos da formação no século XXI. Nesse contexto, a compreensão da autoridade como responsabilidade ética, e não como dominação, recoloca o educador como figura essencial na mediação entre tradição e inovação, aspecto central também para a Educação Matemática Financeira crítica. Por se tratar de uma conexão não explícita no texto original de Arendt, mas construída ao longo desta análise, essa interpretação amplia os diálogos entre a teoria educacional e os desafios concretos da escola contemporânea.

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Formação continuada de professores**: uma perspectiva inclusiva. São Paulo: Cortez, 2011.

MENECUCCI, Fabio Alves. **Educação financeira**: conceitos e práticas. São Paulo: Atlas, 2017.

NÓVOA, António. **Professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.